

NOTÍCIAS

RELATO SOBRE O PRIMEIRO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS TECTÔNICOS, SALVADOR, BA, 14-21 SETEMBRO 1987

(por Ian Davison, Salvador, BA)

INTRODUÇÃO

A participação neste evento foi muito encorajadora, pois mais de cem pessoas envolveram-se nos cursos de especialização e nas demais atividades do Simpósio. Os trabalhos passaram por uma avaliação prévia, com base num resumo estendido de três páginas (incluindo diagramas e referências bibliográficas). Em geral o nível dos trabalhos foi considerado muito bom e atualizado. O boletim de resumos reflete adequadamente o "estado de arte" da Geotectônica do Brasil. Os organizadores esperam enviar uma cópia para todas as universidades que possuem curso de geologia. O Simpósio foi organizado pelo Curso de Pós-Graduação em Geologia da UFBA; em nome dos organizadores, eu gostaria de agradecer aos funcionários técnicos da UFBA, Gilzélis Reis Nascimento, Elza Maria de Carvalho Azevedo, e Maria Conceição Azevedo de Medeiros pela grande contribuição dada para a realização.

Foram apresentados 29 trabalhos (21 orais e 8 painéis), dos quais 19 são oriundos de universidades e 10, de empresas. O fato de que um terço dos trabalhos foi apresentado na forma de painel é uma boa indicação para futuros simpósios, porque essa é uma das melhores maneiras de apresentar trabalhos sobre Tectônica. Todos reconhecem que nessa área muito material visual é necessário para transmitir dados e interpretações.

O próximo simpósio bianual foi escolhido por voto dos participantes. Será sediado pela Universidade Federal de Fortaleza em 1989. Espera-se que este tipo de promoção temática faça com que a Tectônica, como ciência, cresça mais rapidamente entre os geólogos brasileiros.

Este relato representa apenas uma visão pessoal, onde tento resumir as conclusões que considero mais importantes e originais.

RESUMO DE TRABALHOS

Os trabalhos foram subdivididos nas categorias de: Zonas de cisalhamento; Microestruturas e texturas; Tectônica do nordeste; Faixa Sergipana; Tectônica regional; e Tectônica de bacias sedimentares.

Zonas de cisalhamento

Grande parte dos trabalhos enfocou a deformação progressiva de cisalhamento simples e a rotação de elementos lineares e planares. Critérios sobre sentido de cisalhamento usando porfiroclastos rotacionados, planos S/C, estruturas em "peixe" de mica, boudinagem e dobramento assimétrico foram também discutidos por muitos autores (Arthaud *et al.*, Fernandez & Sabaté, Hartmann, Jaziel Sá *et al.*, Oliveira *et al.*, Rosière & Noce, Simões & Neves). Foi estimulante ver conceitos divulgados somente há um ano atrás na literatura internacional sendo amplamente aplicados. A maioria dos pesquisadores estava usando estes critérios cuidadosamente, procurando associá-los a uma grande quantidade de observações para ter maior confiança nos resultados. Atualmente, é bem conhecido o aspecto de que

num regime de cisalhamento simples, sentidos contrários são comuns, mas sempre existe um sentido estatisticamente preferencial. Silva & Matos, e Oliveira *et al.* mostraram o papel importante de cisalhamento nas mineralizações de ouro em *greenstone-belts*. Isto reflete a recente conscientização das empresas da importância de estudos estruturais na prospecção mineral. Houve, contudo, apenas 3 trabalhos tratando desse assunto, o que mostra que a ênfase está ainda no início...

Microestruturas e texturas

Somente dois trabalhos foram apresentados nesta categoria, isto provavelmente devido ao problema da falta de equipamentos disponíveis no Brasil para trabalho desta natureza (os dois trabalhos utilizaram equipamentos do exterior). Skrotzki & Hacks-pacher mostraram a importância de definir uma trama cristalográfica de quartzo usado outros eixos além do C. Rosière & Siemes mostraram a trama cristalográfica de hematita transformando-se com o aumento de deformação.

Tectônica do nordeste

Jaziel-Sá & Jardim-de-Sá discutiram os ciclos orogênicos na Província Borborema. As evidências estruturais apontam pelo menos para duas fases, segundo os autores. O Grupo Seridó foi deformado, metamorfizado e intrudido por granitóides antes da deposição dos Grupos Orós e Vaza Barris. Os dados geocronológicos estão ainda indefinidos para confirmar conclusivamente a hipótese. Em geral, dados geocronológicos são escassos nesta Província e o progresso na delimitação dos domínios vai depender muito das novas datações feitas de uma maneira rigorosa e envolvendo colaboração entre várias instituições.

Faixa Sergipana

Moraes *et al.* mostraram a importância de um bom controle estratigráfico para compreender a tectônica desta faixa. Graças ao baixo metamorfismo, grande extensão lateral de fácies e a história tectônica relativamente simples da área, foi possível reconstruir a estratigrafia e os padrões de movimentação do segmento sul, cavalgado sobre o Cráton do São Francisco. Mais a norte, na parte central da faixa, a situação é mais complexa. Davison salientou a importância de movimentos transcorrentes que separam blocos com evoluções tectono-metamórficas distintas, e sugeriu uma acreção de terrenos. Campos-Neto & Brito-Neves não deram tanta importância à transcorrência e, assim, interpretam os contatos como essencialmente de cavalgamento, usando o termo *nappes*. Está sendo feito mapeamento numa escala mais detalhada para esclarecer esta dúvida.

Tectônica regional

Hartmann, Oliveira *et al.*, e Rosière aplicaram um modelo de cisalhamento simples

ROTEIROS – UMA VISÃO DE CAMPO EM CADA NÚMERO

A Revista Brasileira de Geociências está abrindo à comunidade mais um canal que se pretende seja duradouro. Trata-se dos roteiros geológicos, cobrindo diferentes partes do território nacional, que serão divulgados dentro de cada edição a partir do volume 17, número 4.

A proposta é a de que os afloramentos mais espetaculares, didáticos, monumentais ou completos das áreas mais fotogênicas (geologicamente falando) do país sejam trazidos ao leitor acompanhados de textos sintéticos. Descrições concisas e diretas, destacando informações essenciais, bem como fotos, esquemas, desenhos e mapas serão fornecidos dentro de cada roteiro, de tal maneira que qualquer interessado possa conhecer, sozinho ou em grupo, as exposições, devidamente indicadas e localizadas.

O formato gráfico que será desenvolvido irá assemelhar-se no início ao de artigos, porém pretende-se melhorar progressivamente a comunicação visual com abundante material ilustrado. Nos roteiros são essenciais a indicação precisa dos afloramentos, detalhes sobre acessos e “dicas” sobre alimentação e hospedagem.

Fica aqui lançado, pois, o convite a todo colega detentor de dados de campo de regiões interessantes, para que solicite instruções à RBG sobre o encaminhamento de um roteiro especialmente preparado. O prazo máximo de publicação é hoje de ordem de 6 meses.

A seguir são apresentadas instruções para os autores interessados na preparação de ROTEIROS.

Em complementação ao disposto nas “Instruções aos Autores para a preparação de manuscritos”, que se encontram na contracapa de qualquer número recente

do periódico, deve-se observar, na preparação de “Roteiros Geológicos de Campo”, o que segue:

- 1- Os roteiros devem ser auto-explicativos, de tal sorte que qualquer pessoa ou grupo de pessoas possa entendê-los e percorrer as áreas focalizadas sem grandes dificuldades. Muitas vezes esse grau de dificuldade pode ser convenientemente indicado no texto.
- 2- A localização dos afloramentos deve ser a mais precisa e completa possível, vinculando-se as referências a pontos fixos e inconfundíveis do terreno. Ao mesmo tempo, devem ser evitadas indicações demasiadamente longas.
- 3- A descrição das feições e fatos geológicos a serem observados deve ser curta, sintética e direta.
- 4- Deve-se evitar destaque a questões polêmicas ou parcialmente formuladas. É aconselhável indicar referências bibliográficas, para eventual estudo mais aprofundado.
- 5- Dados sobre mapas-bases, e outras referências cartográficas para localização dos interessados devem ser apresentados, sempre que possível.
- 6- Indicações sintéticas sobre duração prevista da viagem, percursos alternativos e/ou parciais e “dicas” sobre melhores locais para alimentação e hospedagem devem ser apresentados sempre que isso não for facilmente recuperável nos guias turísticos especializados.

Mediante solicitação, a Revista pode fornecer aos interessados material adicional, que pode servir como sugestão ou modelo para a preparação de roteiros geológicos.

RESUMOS DE TESES – Folhas de dados de identificação

Para facilitar os trabalhos de editoração de resumos de teses, foi reproduzida a seguir a “folha de identificação”, que permite o fornecimento de dados indispensáveis para a boa caracterização das teses, e para a perfeita indicação dos trabalhos publicados (ou no prelo) resultantes das mesmas. Pede-se que, ao encaminhar seu resumo para publicação, o autor preencha uma cópia dessa folha e a remeta junto. A planilha reproduzida na folha seguinte destina-se aos cursos de Pós-Graduação.

A RBG publicou desde 1984 cerca de 180 resumos de teses. Os resultados, em termos de divulgação, foram muito positivos, encorajando a manutenção desse tipo de iniciativa. Muitos colegas tiveram acesso a trabalhos que talvez demorassem anos para conhecer de outra maneira.

Aos autores de teses cabe assinalar, mais uma vez, que a Revista permanece aberta para a divulgação de versões integrais condensadas, ou dos resultados mais expressivos das obras, bastando para isso submeter à RBG artigos preparados conforme as “instruções aos autores”.